



Olhares sobre a Arte

Com os **Olhares sobre a Arte** fechamos o ciclo de conferências da II edição da Nova Ágora. Com as duas edições, lançamos o nosso *Olhar sobre a Cultura, a Família, a Política e a Economia* (1ª Edição em 2015), o *Trabalho, a Educação* e, agora, a *Arte* (2ª Edição em 2016).

Porquê os Olhares sobre a Arte?

Porque não é possível viver sem arte. E quando o procuramos fazer, tornamo-nos frios, secos e vazios, como a economia sem rosto, como pessoas sem alma e cultura sem arte. A *arte* não se pode confundir com a *cultura artística*. Creio que o ocidente enveredou muito por esta via, mas a arte, tal como a concebo, é outra coisa. Vejamos, por exemplo, a importância que determinados povos dão à *máscara*. Ela cumpre uma função social, as pessoas reconhecem-se nela e isso reconfigura toda a mentalidade, não só pessoal como coletiva, ou seja, todos, crianças, jovens e idosos, percebem a sua capacidade de dizer. A máscara diz, representa e essa capacidade simbólica, em grego *symbolon*, aquilo que representa, convoca toda a comunidade. A cruz para o cristão não é um simples pedaço de madeira, latão ou ouro. Ela invoca e convoca a pessoa, o grupo e toda a comunidade a outra realidade maior do que o próprio objeto.

O que se está a passar entre nós é o que Arthur Danto apelidou de *banalização do objeto artístico*, considerado adequado somente ao prazer. E isto é muito específico da nossa cultura, da cultura que autonomizou o indivíduo, a mesma que fez com que o ego humano ocupasse o espaço público todo. Neste contexto, não é fácil que a arte diga, represente, convoque, porque ela é, agora, vivida singularmente como uma experiência interior que gerou vida, mas que secou demasiado rápido. Criou gozo, mas um gozo tão fugaz que até pode criar vertigem, como quem fez uma experiência extraordinária, mas porque foi tão extraordinária não a quer voltar a repetir nem tão pouco falar dela. E voltamos ao mesmo, assim não se vive nem se respira um ambiente artístico!

Fomos ao teatro, apreciamos imenso a peça, mas chegamos cá fora e o que interessa é o guarda-chuva; o teatro, a experiência e os sentimentos que ele provocou, ficaram lá dentro; cá fora é a chuva que cai e que pede um guarda-chuva. Esta forma de viver e de olhar o real é terrível, demasiado mundana, muito castradora, mas, simultaneamente, muito condizente com a cultura do “business school”, que prepara a resposta para a pergunta ainda não pensada.

A arte impõe silêncio

Quando fazemos uma experiência intensa, como a própria etimologia da palavra “experiência” sugere, uma passagem com riscos e perigos, sentimos o gosto de a comunicar, talvez não se trate de gosto, mas de necessidade de a partilharmos, já que a experiência, porque foi intensa, transborda o nosso olhar, como algo que já não cabe só em nós, como “cimbalo que ressoa”. Portanto, depois de um teatro, seria natural deixar a experiência sair. “Sair de si”, de nós, deixar a peça dizer, continuar a ser representada. Esta continuidade da experiência para além do ato faz com que a arte não seja individualista, prazerosa, gozadora, mas comunhão, partilha e silêncio. Se assim não for, entre a arte e a vida há um fosso que mata e morremos de verdade. Imaginemos que, depois de sentir a força das palavras de um poema, vamos ao Macdonald’s. Podemos não conseguir comer, porque não temos vontade.



A vontade é a de deixar que o poema fale, transforme e, então, até nos esquecemos do hambúrguer. O que se deseja, na realidade, é o silêncio do hambúrguer, que ele não perturbe a força que o poema começou e este, creio, é um dos dinamismos mais fortes da arte.

Arte e espiritualidade

Arte e espiritualidade pertencem à mesma conjugação e não é fácil entrar nesta gramática, já que exige que nos distanciemos do conhecimento lógico, que nos separemos do cálculo e da imersão em nós próprios. Ambas exigem muito treino e leveza e, portanto, é um caminho vedado a quem quer chegar rápido ou a quem quer chegar primeiro. A primeira regra para entrar nestas duas dinâmicas prende-se com a própria vontade de querer fazer o caminho e procurar não desistir; a segunda, tem a ver com a visão, é necessário aprender a ver ou a corrigir a trajetória do olhar (daí a importância de um mestre); a terceira e última regra implica o abandono de todas as preocupações, ou seja, exige um certo ascetismo de vida, de desejo e de pensamento, e, só assim, se torna a pessoa mais leve. Leve, mas comprometida com a vida. Leve, mas comprometida com o caminho, aquele que nos trouxe da Galileia até à Cruz, vivido com entranhas e coração. Esta é a tela pintada com as cores da entrega e do serviço, nada fácil de entender aos olhos da cultura e da lógica contemporânea.

É no mínimo curioso que Nietzsche tenha sugerido que as metáforas do conhecimento lógico-científico eram uma casca vazia, que secavam tudo à sua volta. Daí que, para ele, a verdadeira ciência se atingia por via da arte, a única forma de aceder à representação do real e da vida. Neste sentido, Nietzsche acusa Sócrates de ter quebrado o espelho fiel da vida, com a sua retórica dialógica, ao lutar pelo conhecimento científico de índole puramente racional, opondo-se, assim, a qualquer forma de arte.

A arte e o cristianismo

A arte europeia expressa-se num património cultural e artístico que seria dificilmente compreendido sem a luz do cristianismo. Vejamos no campo da **arquitectura**, a forma como os cristãos de Roma em vez de seguir o padrão da construção das suas igrejas como o Panteão romano (circular), seguiram os salões nobres, chamados *basílicas*, transformando-os, de modo a que se orientasse os crentes para o altar, povo em caminho, peregrino. A **música** ocidental que nasce com o canto gregoriano, que por sua vez assume a técnica grega dos oito modos e a coloca ao serviço do transcendente. Quem é que nunca ouviu o *Requiem* de Fauré ou o *Stabat mater* de Dvorak, música de carácter religioso que continua a impor-se na história, apesar da secularização das nossas sociedades. O mesmo se passa com o **teatro** que começa nas igrejas e foi levado às cortes por diversos membros religiosos. Também a **literatura**, em que o sobrenatural se exprime de forma tão bela e sensível em obras como *A Divina Comédia* de Dante, o *Fausto* de Goethe ou os *Irmãos Karamazov* de Dostoievski.

Enfim, crentes e não crentes partilhamos um espólio comum, que herdamos sem pedir, mas que agora, cientes da riqueza herdada, queremos que ela fale às gerações vindouras para que por ela, também as novas gerações, possam conhecer a nossa história, a nossa forma de dialogar e de exprimir a beleza.

Pe. Eduardo Duque
Coordenador da Nova Ágora